

DESCRIÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DE TEXTOS ESCOLARES: O PÚBLICO E O PRIVADO

Edimara Cristina Meliso GONÇALVES

Dercir Pedro de OLIVEIRA

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

edimara.meliso@hotmail.com

dercir.pedro@ufms.br

Resumo: A temática apresentada neste trabalho insere-se no âmbito da pesquisa em sociolinguística voltada para a variação fonético-fonológica e os reflexos dessa variação na produção escrita de alunos do ensino fundamental de duas escolas de Campo Grande: uma pública, localizadas na área periférica da cidade, e uma particular, localizada na área central urbana. O levantamento e análise das interferências da modalidade oral na produção escrita em Língua Portuguesa foram feitos com base na teoria da Sociolinguística Variacionista. O objeto da pesquisa recai sobre o interesse em mostrar as interfaces entre as linguagens: oral e escrita. O objetivo do trabalho foi o de registrar, descrever e interpretar as marcas das variedades linguísticas fonológicas, nos desvios decorrentes da transposição do ato da fala para a escrita de alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, caracterizando e comparando a produção textual dos alunos, e também correlacionando a sua competência linguística com a estratificação social da escola. O método empregado nesta pesquisa foi o da Sociolinguística Variacionista Quantitativa (Labov 1972), com aplicação do programa computacional Goldvarb 2001. Após a compreensão das diferenças na apropriação da escrita dos alunos pelos postulados da sociolinguística foram constatados os fenômenos da variação linguística e os dois maiores grupos destacados foram o alçamento das vogais /e/ e /o/, com 28% e 21%, respectivamente.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística; Variação linguística; Textos dos alunos.

INTRODUÇÃO

A língua é um instrumento de integração social e reflete, em boa medida, a organização da sociedade, revelando instâncias comunicativas, seja na sua modalidade oral ou escrita.

O domínio da escrita abrange capacidades que são adquiridas no processo de alfabetização e outras que são constitutivas do processo de letramento¹. O indivíduo deve não apenas aprender a ler e a escrever, mas também apropriar-se da escrita, usar socialmente a leitura e a escrita para responder às demandas sociais. (Soares, 2003).

Pesquisas científicas, como as de Britto (2007) Bortoni (2004) e Soares (2003) apontam que é essencial compreender o funcionamento do sistema de escrita alfabético em meio às práticas sociais de linguagem em que o indivíduo se expressa.

A sociolinguística variacionista é uma das áreas da Linguística, que estuda a língua em funcionamento e suas variações em uma comunidade de fala, focalizando, principalmente, os empregos linguísticos, em especial, os de caráter heterogêneo.

De acordo com Marcushi, (2008, p.31):

A perspectiva variacionista é a que trata do papel da escrita e da fala sob o ponto de vista dos processos educacionais e faz propostas específicas a respeito do tratamento da variação na relação entre padrão e não padrão linguístico nos contextos de ensino formal. São estudos que se dedicam a detectar as variações de usos da língua sob sua forma dialetal e socioletal. É uma variante da primeira visão, mas com grande sensibilidade para os conhecimentos dos indivíduos que enfrentam o ensino formal.

Portanto, a escolha do tema da pesquisa recai sobre o interesse em mostrar as interfaces entre as linguagens oral e escrita, com base na sociolinguística variacionista. A partir disso, fomentar uma reflexão sobre os desvios ortográficos decorrentes da transposição do ato da fala para a escrita na produção de texto do estudante no âmbito da escola e tentar entender e justificar a escolha da variação linguística registrada nos textos, considerando os elementos extralinguísticos que corroboram para constituir o perfil do aluno e determinar a sua competência linguística.

¹ Caracteriza a pessoa que, além de saber ler e escrever faz uso frequente e competente da leitura e da escrita (SOARES,2010)

A produção textual nos primeiros anos do ensino fundamental apresenta notadamente a influência da modalidade falada sobre a escrita, demonstrando que a oralidade intercede o ato de escrever.

Além disso, textos com sérios desvios ortográficos passam pelas mãos de professores, que muitas vezes se acham desorientados para tratar dessas questões, optando simplesmente pela avaliação convencional ortográfica.

Essa temática expressa a nossa ansiedade na prática da docência no Ensino Fundamental, o que nos permite ressaltar a forte dicotomia que ainda existe na escola entre fala e escrita, fato este que considero um desafio a ser, primeiramente, compreendido e, depois, enfrentado pela escola mediante uma nova reflexão em relação às variedades linguísticas fonológicas que se refletem nos desvios decorrentes da transposição do ato da fala para a escrita.

Conforme Marcuschi, (2008, p.17):

Oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia. Ambas permitem a construção de textos coesos e coerentes, ambas permitem a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais, variações estilísticas, sociais, dialetais e assim por diante.

No entanto, é relevante a tarefa de esclarecer a natureza das práticas sociais que envolvem o uso da língua. A escrita, por exemplo, é utilizada em diversos contextos sociais da vida cotidiana e em cada um dos contextos a finalidade do uso da escrita são variados e diversos.

Contudo, no ambiente escolar, há de se levar em conta a integração dos saberes sociolinguísticos, que os alunos já apreendem antes de chegar à escola

Assim, a pesquisa tem como objetivo geral registrar e descrever as marcas das variedades linguísticas fonológicas nos desvios decorrentes da transposição do ato da fala para a escrita de alunos do Ensino Fundamental, caracterizando e comparando a produção textual de alunos de duas escolas estratificadas socialmente.

A escolha de duas escolas, uma particular e outra pública, oferece a compreensão de como os sujeitos sociais apreendem os acontecimentos da vida diária, as características do meio, as informações que circulam nas relações sociais.

Para a composição do corpúsculo desta pesquisa, em parceria com a equipe pedagógica de cada instituição escolar, elaboramos projetos com aplicação de oficinas para obter as produções textuais dos alunos e assim dar início ao trabalho sistemático de recolha dos textos.

Com esta proposta, espera-se comprovar a relevância desta pesquisa na área educacional, pois são abordadas relações entre linguagem e escola, a partir da perspectiva da sociolinguística variacionista como item fundamental no desenvolvimento da habilidade na aquisição da escrita do aluno.

1. ARCABOUÇO DA SOCIOLINGUÍSTICA

A Sociolinguística Variacionista estabeleceu-se na década de 60, é uma das áreas da Linguística que estuda a língua em funcionamento e suas variações em uma comunidade de fala, focalizando principalmente, os empregos linguísticos, em especial, os de caráter heterogêneo.

O iniciador desse modelo teórico metodológico é o americano William Labov, que principiou a teoria da variação, segundo a qual existem variantes que alteram a língua, modifica-se sob a influência de variáveis de natureza externa ou interna ao sistema, sendo a primeira referente a fatos sociais e estilísticos e a segunda a fatos linguísticos.

O termo Sociolinguística, segundo Romaine (1994) *apud* Monteiro (2000, p.25), foi cunhado em 1950 para fazer referência às perspectivas conjuntas que os linguistas e sociólogos mantinham face às questões sobre as influências da linguagem na sociedade e, especialmente, sobre o contexto social da diversidade linguística.

Para Bright (1966) *apud* Preti (2000, p.16). *A diversidade linguística é precisamente a matéria de que trata a sociolinguística, cujo campo procura limitar, identificando suas dimensões, ou seja, as diversas linhas de interesse, existentes no campo.*

As dimensões a que Bright refere-se são aquelas que se encontram dependentes dos diversos fatores, definidos socialmente, na qual a diversidade linguística se encontra correlacionada. Em princípio são três: a dimensão do emissor, do receptor e a da situação ou contexto. Preti (2000, p.16).

A primeira, envolvendo a identidade social do emissor ou falante, é exemplificada pelo autor com os dialetos de classe, onde as diferenças de fala se correlacionam com a estratificação social; a segunda, que compreende a identidade social do receptor ou ouvinte, seria relevante onde quer que vocabulários especiais de respeito sejam usados em se falando com superiores; e a terceira engloba todos os elementos relevantes possíveis no contexto de comunicação, com exceção da identidade dos indivíduos envolvidos.

De acordo com Preti (2000), as dimensões propostas por Bright servem para a abordagem de um dos principais problemas sociolinguísticos, o da diversidade/uniformidade de uma mesma língua, condicionada por fatores extralinguísticos. Conseqüentemente, a

sociolinguística considera os aspectos sociais com a finalidade de compreender a estrutura das línguas e seu funcionamento.

Veja o que diz Corvalán (1989, p.1)

[...]podríamos definir la sociolinguística como el estudio de aquellos fenómenos lingüísticos que tienen relación con factores de tipo social. Estos factores sociales incluyen los diferentes sistemas de organización política, económica, social e geográfica de una comunidad, factores individuales que tienen repercusiones sobre la organización social em general, como la edad, el sexo y el nivel de educación, la etnia del individuo, aspectos históricos, la situación inmediata que rodea la interacción; em una palabra, lo que se há llamado el contexto externo em que ocurren los hechos lingüísticos.

Assim, a Sociolinguística rejeita a variação livre, porquanto a ocorrência de variantes pode ser correlacionada a fatores internos e externos à estrutura linguística. Por exemplo, a escolha lexical não é uma variação livre, pois existe uma série de fatores sociais e linguísticos que condicionam. (Labov 2008).

Essa teoria assume a heterogeneidade sincrônica² das línguas como sistemática, defendendo a necessidade de se correlacionar língua e contexto social.

Labov (2008, p. 302) descreve a concepção linguística da língua como um fato social.

Todo linguista reconhece que a língua é um fato social, mas nem todos dão a mesma ênfase a esse fato. Quando os linguistas escrevem sobre mudança linguística, encontramos um grau muito diferente de preocupação com o contexto social em que essas mudanças ocorrem. Alguns ampliam sua visão para incluir uma ampla gama de fatos sobre os falantes e seu comportamento extralinguístico, enquanto outros estreitam sua visão para excluir o máximo possível. Em geral, podemos predizer, com base na definição que o autor dá de língua, o quanto ele estará preocupado com os fatores sociais na mudança linguística. Além disso, aqueles que focalizam a comunicação da informação cognitiva ou referencial tratarão mais do indivíduo, e aqueles que se envolvem com os usos afetivos e fáticos da língua, das questões sociais.

Ainda, para Labov (1994, p. 69), "para a obtenção da mudança em curso, deve-se separar a variação decorrente de fatores sociais da variação resultante de fatores internos". Ele conseguiu provar que a mudança é observável na sincronia pela avaliação da heterogeneidade linguística dos grupos sociais, embora os fatores sociais não causem propriamente a mudança linguística, eles determinam a sua expansão.

² Termo adotado por Saussure (1922) para designar a concatenação dos fatos de uma língua num momento dado de sua historia. Eles se apresentam num conjunto de correlações e oposições que constitui um estado lingüístico, onde é apreensível uma estrutura. (Mattoso,1986, p.220)

Para a Sociolinguística, variação e mudança não são vistas separadamente, nem externos ao sistema, mas como parte integrante do seu caráter heterogêneo, em que o aparente caos resultante da variação é comprovadamente sistematizável.

Atualmente, a sociolinguística conglomera praticamente tudo o que diz respeito ao estudo da linguagem em seu contexto sociocultural e uma das tarefas é descrever as línguas em sua diversidade funcional e social.

No próximo capítulo serão expostos os procedimentos metodológicos indispensáveis à consolidação desta pesquisa.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O método empregado nesta pesquisa é o da Sociolinguística Variacionista quantitativa, conforme Labov (2008), pelo fato de considerar a analogia entre a língua e a sociedade e também operar com números e tratamentos estatísticos dos dados coletados, com o que concorda Guy (2007, p.101), ao esclarecer que um modelo quantitativo na Sociolinguística variacionista é quando tomamos um padrão de teoria linguística que procura explicar as possibilidades linguísticas e tentamos entendê-lo para explicar também os padrões quantitativos de uso dessas possibilidades através de um modelo matemático.

Portanto, consideramos o fator quantitativo determinante para caracterizar uma variação. Por outro lado, a metodologia qualitativa não é recusada, uma vez que, ao mesmo tempo, se utiliza dela para interpretar dados.

Para a Sociolinguística, a língua existe enquanto interação social. Uma língua se diversifica e se transforma em função do contexto sócio-histórico em que está inserida.

Portanto, tornam-se importantes o contexto histórico, geográfico, social e cultural, nos quais as escolas, objetos deste estudo estão inseridas, pois estes fatores influenciam na cultura escolar observada. Outro fator importante são os atores desse contexto, que são os docentes, alunos e suas famílias, pois a Sociolinguística estuda a língua da perspectiva de sua estreita ligação com a sociedade onde se origina como afirma Bortoni (2004, p.49) *Sabemos que a rede social de um indivíduo, constituída pelas pessoas com quem esse indivíduo interage nos diversos domínios sociais, também é um fator determinante das características de seu repertório sociolinguístico.*

Deste modo, a escolha das escolas em que foram realizadas as coletas de dados que constituíram o cópús deste estudo foi orientada pelo fator social escola privada versus escola pública.

Uma vez que pretendemos estudar as marcas da oralidade na escrita, classificamos os fenômenos na categoria que se acredita receber interferência das regras fonológicas.

Portanto, a codificação dos fenômenos é apresentada com os 7 (sete) fenômenos de maior ocorrência nos textos: Neutralização da vogal anterior /e/; Neutralização da vogal posterior /o/; Monotongação de ditongos decrescentes ow; Monotongação de ditongos decrescentes ey; Supressão do R em verbos; Rotacização e Juntura intervocabular de duas ou mais formas livres

O resultado da análise sistemática dos textos dos alunos é representado por meio de tabelas e gráficos interpretados os aspectos quantitativos e qualitativos do objeto de estudo da pesquisa. Para a codificação e interpretação estatística dos dados, utilizamos o programa computacional Goldvarb³ (2001). Somente o fenômeno “Junção de vocábulos foi rodado no Goldvarb sem levar em conta a aplicação da regra variável: Norma *versus* Variação, pois optamos rodar considerando a variação ocorrida em relação à justaposição *vs* aglutinação

3. DESCRIÇÃO DOS FATOS LINGÜÍSTICOS FONÉTICOS

Depois de codificados e devidamente processados, via pacote Goldvarb (2001), apresentamos, nesta sessão, por meio de gráficos e tabelas, os resultados obtidos.

Partindo de uma demonstração geral dos dados, das 1.655 ocorrências presentes no *cópus* da pesquisa, verificou-se que 604 se referem às variações, ou seja, registros de desvios ortográficos nos textos dos alunos das 2 escolas observadas, representando 36% do total dos dados, e 1.051 ocorrências seguem a norma padrão, isto é, 64% do total dos dados.

O gráfico nº 1, a seguir, apresenta uma visão geral dos valores percentuais das ocorrências da variação *versus* norma padrão, no recorte da amostra da pesquisa, isto é, na escrita dos alunos do 5º ano do Ensino Fundamental das duas escolas de Campo Grande MS, com o objetivo de contrapor a ocorrência das duas variantes (variação *versus* norma padrão).

³ O programa GoldVarb 2001 foi idealizado por Steve Harlow, que tomou como base a versão anterior, GoldVarb 2.0 de Rand & Sankoff (1990) para Macintosh. O GoldVarb 2001 foi desenvolvido na Universidade de York, como um projeto colaborativo entre o Departamento de Língua e Linguística e o Departamento de Ciências da Computação. (ROBINSON, LAWRENCE & TAGLIAMONTE, 2001) Para mais informações sobre o projeto, recomendamos a leitura disponível em ambiente virtual: www.slideshare.net/dianapilatti/trabalhando-com-goldvarb-2001-diana-pilatti-onofre.

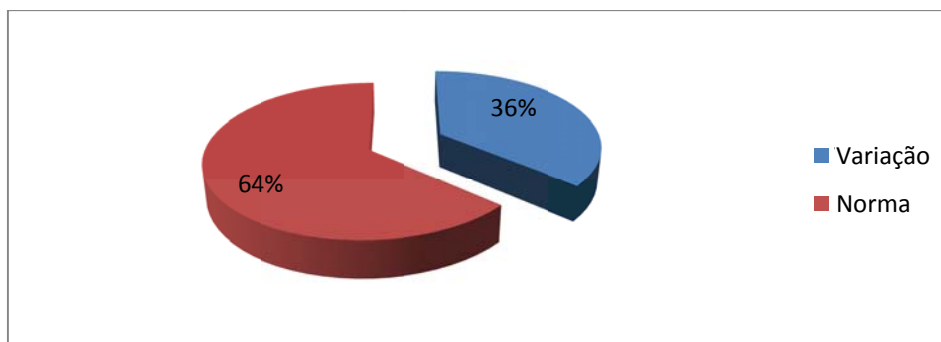


Gráfico 1: Distribuição geral das ocorrências da variação *versus* norma padrão na escrita dos alunos das 2 escolas.

Considerando que esta pesquisa foi realizada no âmbito escolar, é necessário dar ênfase ao papel da escola, que é um compromisso da instituição escolar em garantir o acesso aos saberes elaborados socialmente, isto é, criar condições para seu uso efetivo e ainda apresentar o compromisso de intervir efetivamente para promover o desenvolvimento e a socialização de seus alunos.

Assim como preconiza o PCN (1997, p.46)

Essa função socializadora remete a dois aspectos: o desenvolvimento individual e o contexto social e cultural. É nessa dupla determinação que os indivíduos se constroem como pessoas iguais, mas, ao mesmo tempo, diferentes de todas as outras. Iguais por compartilhar com outras pessoas um conjunto de saberes e formas de conhecimento que, por sua vez, só é possível graças ao que individualmente se puder incorporar. Não há desenvolvimento individual possível à margem da sociedade, da cultura. Os processos de diferenciação na construção de uma identidade pessoal e os processos de socialização que conduzem a padrões de identidade coletiva constituem, na verdade, as duas faces de um mesmo processo.

Da perspectiva de uma escola, cuja função é socializadora, podemos dizer que, diante dos resultados obtidos nesta pesquisa, predomina a língua da norma padrão.

Como já abordado em nossa metodologia de pesquisa, selecionamos os fenômenos linguísticos como os mais recorrentes no *cópus* em questão, esses foram rodados no programa Goldvarb, que podem ser visualizados por meio do gráfico nº 2

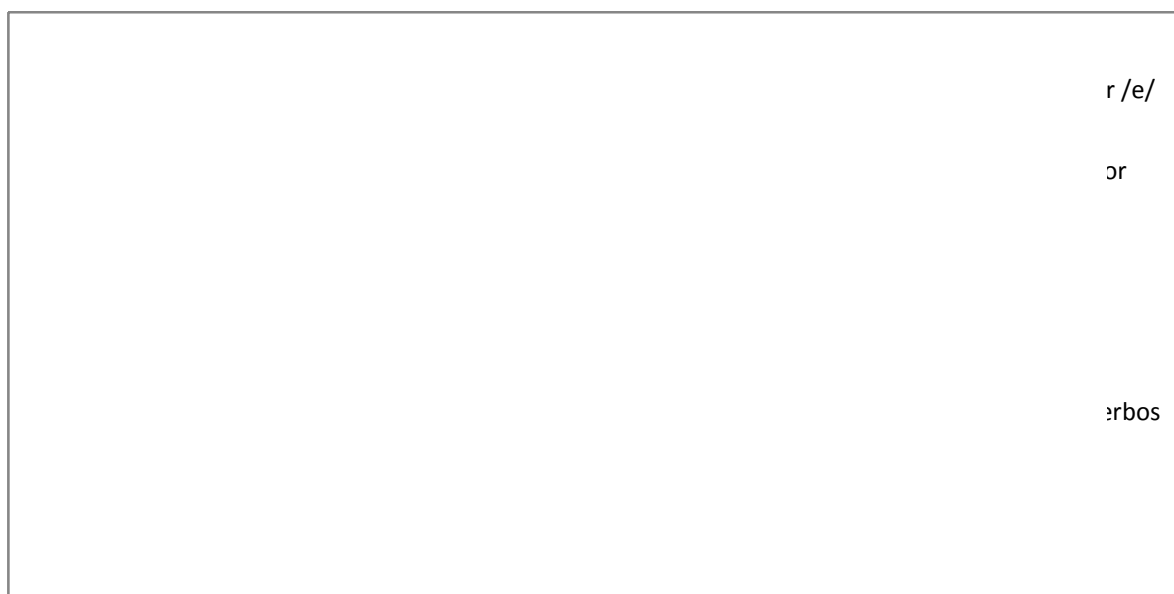


Gráfico 2: Tipos de variação presentes nos textos dos alunos das 2 escolas.

Os dois maiores grupos destacaram-se, o alçamento das vogais /e/ e /o/, com 28% e 21%, respectivamente; a monotongação em /ow/ e /ey/, que apresentaram 15% e 12% do total do corpus; a supressão do fonema /r/ final em verbos, com 13%; e a rotacização, com 11% das ocorrências.

No que tange aos fatores extralinguísticos, observamos somente dois grupos: o gênero/sexo do informante e a escola onde o mesmo estuda. Em números gerais, constatamos que as crianças do sexo masculino tende ao uso da variação, em relação às crianças do sexo feminino que mostram mais atentas ao uso da norma culta da língua, como podemos visualizar no gráfico3.

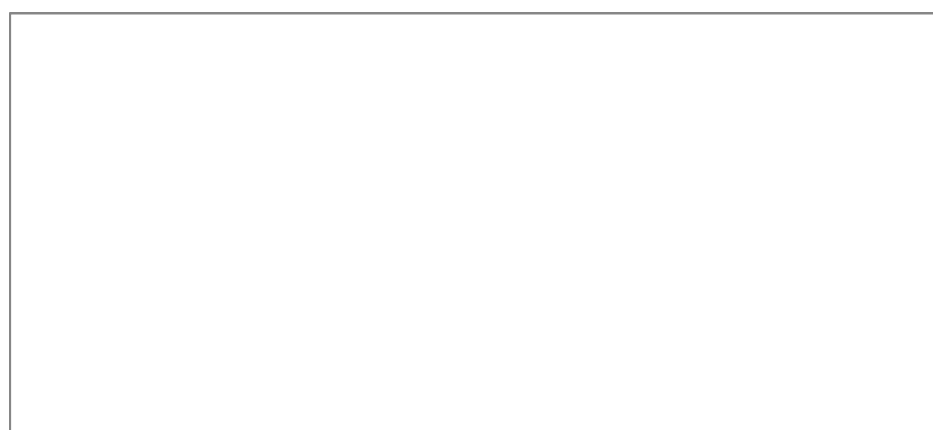


Gráfico 3: Variante Gênero/Sexo e sua interferência na aplicação da regra de variação.

Os valores abstraídos de nossa pesquisa estão consoantes com as teorias de Labov (2008), idealizador do método variacionista, que, na questão das diferenças existentes nos

grupo sociais, trata sobre o discurso cuidado, que é aquele mais policiado e que apresenta maior grau de formalidade, as crianças do sexo feminino apresentam menor índice de variação que crianças do sexo masculino, em outras palavras, o que se depreende do cópuz deste trabalho é que as meninas tendem mais ao uso da norma que os meninos.

Quanto ao fator extralinguístico tipologia da escola, no qual separamos os alunos da escola particular e pública, tivemos nossa hipótese inicial confirmada, onde os alunos da escola pública apresentaram maior porcentagem de ocorrência da variação (43%), como podemos visualizar no gráfico 4:

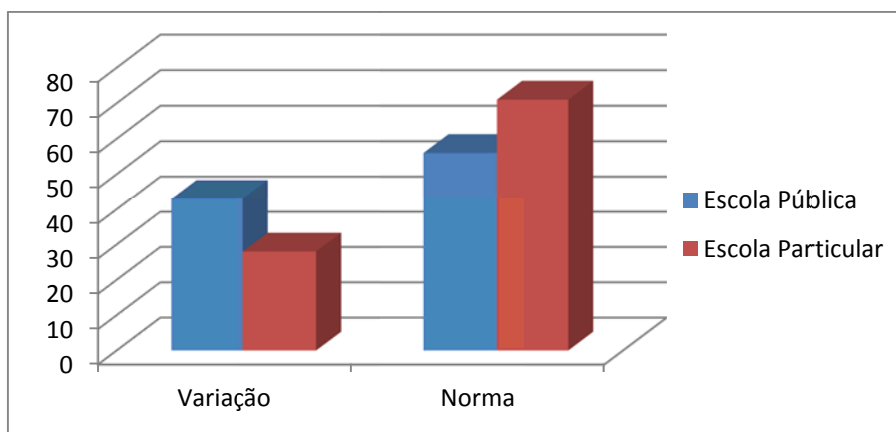


Gráfico 4: Ocorrências das variantes padrão e não-padrão nas escolas pública e privada.

3.1. ALÇAMENTO DAS VOGAIS /E/, /O/

Entendemos por alçamento a troca de vogais médias para vogais altas, bastante observada na oralidade por falantes de todo o território brasileiro.

Segundo LEMOS (2003)

O alçamento é caracterizado pela elevação do traço de altura das vogais médias altas [e] e [o] que se realizarão como as vogais altas [i] e [u]. Mais especificamente, a presente investigação fixou-se na ocorrência do fenômeno na sílaba pretônica e na sílaba postônica medial.

Observando nosso cópuz podemos citar como exemplos de alçamento, transcritos da oralidade para a escrita dos alunos em:

(001) “Minha **cidade** tem uma organização política **interessanti**” (aluna 12FR)

(002) “**crechis** é um lugar que a mãe tem que ter confiança” (aluna 12FR)

(003) “uma vida melhor para os **mendigus**” (aluna 12FP)

(004) “comprou um **terrenu**” (aluna 12FP)

Outra terminologia adotada para esse fenômeno é a “neutralização”, esta, porém em dois tipos: a troca da vogal média de 1º grau por uma de 2º grau /è/ ~ /e/ e /ò/ ~ /o/, e a elevação da média para a alta

Em nosso corpus o alçamento das vogais teve grande relevância, com 195 ocorrências para o alçamento de /e/, e 144 ocorrências para o alçamento de /o/, como podemos visualizar na tabela nº 01

	Variação		Norma		Totais/amostra		<i>input</i>
	oc	%	oc	%	oc	%	
Alçamento de /e/	195	42%	267	57%	462	27%	0.42
Alçamento de /o/	114	33%	227	66%	341	20%	0.34

Tabela nº 1 – Alçamento de /e/ e /o/

Observando o *input* fornecido após análise do GoldVarb 2001, percebemos que o alçamento tende a manter-se no grupo observado, sendo o /e/ mais recorrente, com *input* 0.42, e /o/ com menor índice, porém ainda relevante, *input* 0.34.

A preferência pelo uso da norma por parte das meninas/informantes cujos textos compuseram nosso corpus fica mais evidente ao visualizarmos o gráfico nº 05

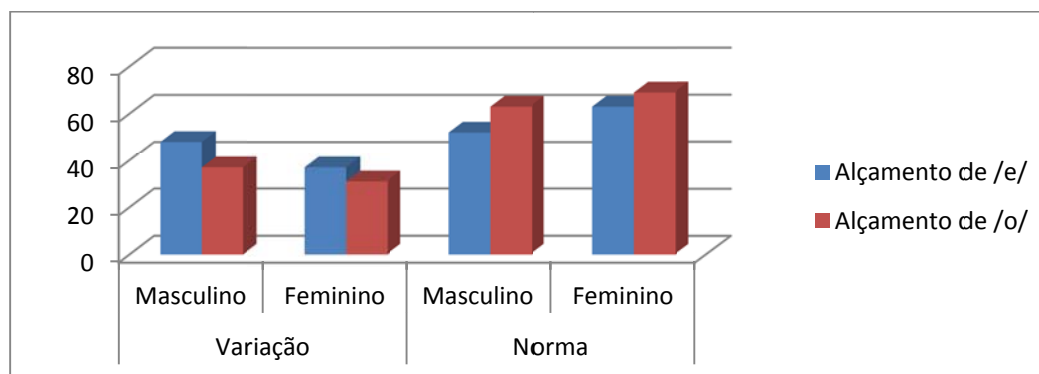


Gráfico 5 – Alçamento das vogais médias /e/ e /o/ levando em consideração a variedade gênero

No que tange ao fator tipologia da escola, confirmando nossa hipótese inicial, os alunos da escola pública tendem ao uso da variação, com 109 ocorrências de alçamento de /e/, e 68 ocorrências de alçamento de /o/. Enquanto na escola particular as ocorrências desses fenômenos foram menores, 86 e 46 ocorrências, respectivamente.

3.2. MONOTONGAÇÃO DE DITONGOS DECRESCENTES /OW/, /EY/

O ditongo em Língua Portuguesa caracteriza-se pela sequência de sons vocálicos dentro da mesma sílaba, classificados em crescentes ou decrescentes de acordo com a posição do som vocálico mais forte. Monotongação ocorre quando o fonema mais fraco do ditongo (semivogal) desaparece.

Segundo Pereira (2008, p 101), *O termo monotongação não é usado com muita frequência. Estudiosos se referem à monotongação quando tratam de mostrar o processo de redução do ditongo que perde sua semivogal e passa a uma vogal simples.*

Em outras palavras, o ditongo simplifica-se convertendo-se em uma vogal simples suprimindo-se a semivogal.

Ao analisarmos o fator extralinguístico gênero, constatamos que os falantes do sexo masculino tiveram mais palavras monotongadas, muito próximo da metade das ocorrências, com 49% em ambos os casos de monotongos. Já as falantes do sexo feminino, mantiveram uma preferência maior pela norma em /ow/, com somente 30% das palavras monotongadas, enquanto /ey/ apresentou 42%,

No que tange ao fator escola pública *versus* escola privada, verificamos que, com porcentagens muito próximas a casa dos 50, a escola pública tende a reduzir o ditongo a uma vogal simples na sílaba tônica.

Assim, 46% dos ditongos /ow/ apresentaram redução do ditongo no cópuz retirado da escola pública, para somente 29% da particular. Já o ditongo /ey/ apresentou 51% das ocorrências de monotongos na escola pública e a escola particular 36%, como também visualizamos no gráfico 6.

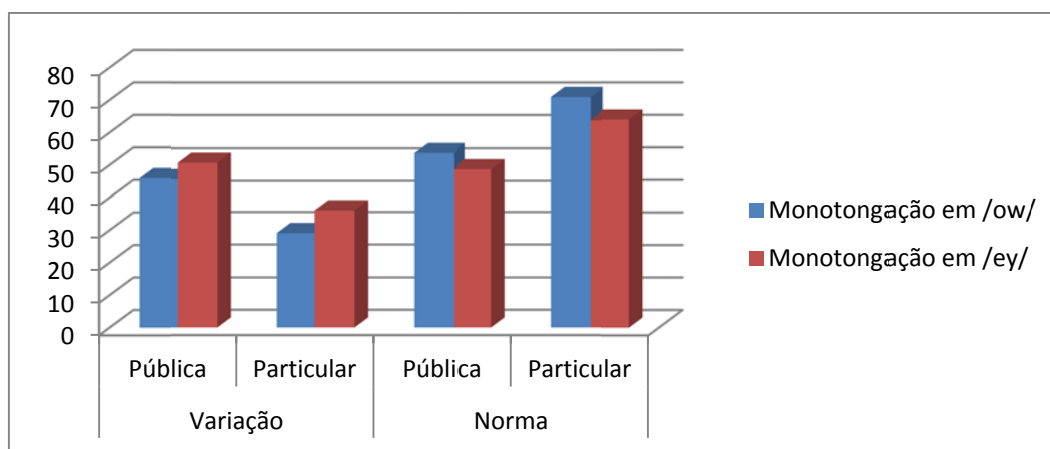


Gráfico 6 - Monotongação em /ow/ e /ey/ levando em consideração a variável escola

Diante dos dados analisados, destacamos que os alunos da escola pública, têm sua escrita muito mais próxima à fala que os alunos da escola particular, uma vez que apresentaram grande quantidade desse fenômeno tão conhecido no ambiente da sociolinguística.

3.3 SUPRESSÃO DA VIBRANTE /R/ EM VERBOS

O apagamento ou supressão da consoante vibrante /r/ no final das palavras é considerado um fenômeno recorrente em todo o território nacional. Segundo Bortoni Ricardo (2004, p. 85)

Em todas as regiões do Brasil, o /r/ pós-vocálico, independentemente da forma como é pronunciado, tende a ser suprimido, especialmente nos infinitivos verbais (*correr* > *corrê*; *almoçar* > *almoçá*; *desenvolver* > *desenvolvê*; *sorrir* > *sorrí*). Quando o suprimimos, alongamos a vogal final e damos mais intensidade a ela

Este fenômeno não é recente, há registros do apagamento do /r/ final em diálogos escritos nas peças de Gil Vicente, no século XVI, para caracterizar a fala de personagens negros, por isso, por muito tempo, considerou-se uma marca de “falares incultos”. Segundo Callou (1998), a supressão do /r/ se expandiu e hoje não faz distinção de classes sociais.

Em nossa pesquisa que, como já dissemos anteriormente, se baseia na descrição das marcas da oralidade nos textos escritos, o apagamento do fonema /r/ final também ocupa um lugar relevante, conforme dados da tabela 2, a seguir.

	Supressão de /r/ final		
	oc	%	
Variação	80	35%	
Norma	144	60%	
Total da amostra	224	13%	<i>Input 0.36</i>

Tabela nº 2 – Dados totais referentes à supressão do fonema consonantal /r/ final

Como constatamos na tabela nº 2, o apagamento de /r/ não apresentou dados tão dispares quanto sua ocorrência, se comparados aos estudos das autoras já citadas. Uma vez que, por se tratar de textos escritos em ambiente escolar, percebemos que a norma se faz “forte”, mas não a ponto de mascarar totalmente a ocorrência de um dos fenômenos sociolinguísticos mais recorrentes no Brasil.

Ao fazermos observar os fatores gênero e tipologia da escola, constatamos que o gênero/sexo masculino tende ao uso da variação, com 40% das supressões, se comparado com o sexo feminino com 33% conforme tabela 3 a seguir.

Supressão de /r/ final	Variação		Norma	
	oc	%	oc	%
Masculino	38	40%	58	60%
Feminino	42	33%	86	67%

Tabela nº 3 – Supressão do fonema /r/ final levando em consideração a variedade gênero

Consoante com nosso trabalho, porém observando somente a oralidade, está a pesquisa de Rocha e Onofre (2009) apresentada em comunicação no Congresso Internacional Brasil, Bolívia, Paraguai; no qual observando a fala de acadêmicos moradores da Região da Grande Dourados, constataram que 89% dos falantes do sexo masculino suprimiram o /r/ ao final da palavra, para 80% das falantes do sexo feminino Rocha e Onofre, (2009, p 12).

Ao observarmos o fator extralinguístico tipologia escolar, obtivemos os seguintes resultados

Supressão de /r/	Variação		Norma	
	oc	%	oc	%
Particular	26	24%	83	76%
Pública	54	47%	61	53%

Tabela nº 4 – Supressão de /r/ final levando em consideração a Escola

Como podemos depreender da tabela nº 4, a escola pública apresenta maior ocorrência do fenômeno linguístico em questão, com 47% das ocorrências, quase metade dos dados, enquanto a escola particular apresentou o fenômeno em somente 24%.

3.4. ROTACIZAÇÃO

Comum em várias línguas, a rotacização compreende a alternância entre sons semelhantes dentro da sílaba. Gramáticos latinos, segundo o Dicionário Dubois (2001), já observavam tal fenômeno durante a transformação da sibilante /z/ em /r/ apical.

Em Língua Portuguesa, a rotacização é recorrente entre as consoantes líquidas, caracterizando-se pela troca da consoante lateral /l/ pela vibrante /r/, que segundo Cazarotto e Onofre (2009,p. 4), “pode ser observado em suas formas: após consoantes (*claro ~ craro*;

flecha ~ frecha; b/lusa ~ brusa) e, ainda, após vogais (almoço ~ armoço; bolsa ~ borsa; talco ~ tarco)”.

Em nossa pesquisa, cujo foco centrou-se na modalidade escrita, observamos que, uma vez que a rotacização é marca da oralidade em todo o território brasileiro, em todo o corpus que serviu de base para este estudo, ocupou uma posição significativa. Uma vez que, das 184 ocorrências, 17% apresentaram variação, como podemos ver na tabela nº 5

Variação	Rotacização		
	32	17%	
Norma	152	82%	
Total da amostra	184	11	<i>Input 0.17</i>

Tabela nº 5– Dados totais referentes a Rotacização de /l/ ~/r/

Como podemos depreender da tabela nº 5, de toda a amostra, 32 palavras apresentaram /r/ em lugar de /l/, o que deixa claro o uso dessa variedade na modalidade oral, uma vez que também se faz presente na modalidade escrita da língua.

Ao fazermos os cruzamentos dos dados, observando a influência das variedades sociais, percebemos que as meninas tendem a preferir a norma que a variedade. Como podemos depreender da tabela nº 6

Rotacização	Variação		Norma	
	oc	%	oc	%
Masculino	20	26%	57	74%
Feminino	12	11%	95	89%

Tabela nº 6 – Ocorrências Rotacização levando em consideração a variedade gênero

Embora tanto meninos como meninas parecem redigir o mais próximo da modalidade culta, os meninos ainda apresentam tendência maior ao uso da variante como se constata na tabela nº 6 com 26% de emprego da rotacização vs 11% revelados nos textos das meninas)

Levando em consideração que a escola pública, localizada na periferia da cidade, caracteriza-se por ter em sua composição alunos cujas famílias têm menor poder aquisitivo, depreendemos que a rotacização marcada na escrita reflete uma marca oral comum dessa classe social, a classe marginalizada, como bem coloca Cazarotto e Onofre (2009, p. 5)

No Português do Brasil (doravante PB), o rotacismo é marca linguística nos falantes da classe marginalizada da sociedade, por isso sofre grande preconceito

linguístico mesmo sendo um fenômeno comum em todo o território nacional. Fato este que nos permite afirmar ser o rotacismo um fenômeno constituído não somente de fatos linguísticos, mas também de características sociais

Essas diferenças são visíveis no gráfico nº7 no qual a escola pública apresentou 10% a mais de variação do que a particular, localizada mais ao centro da cidade.

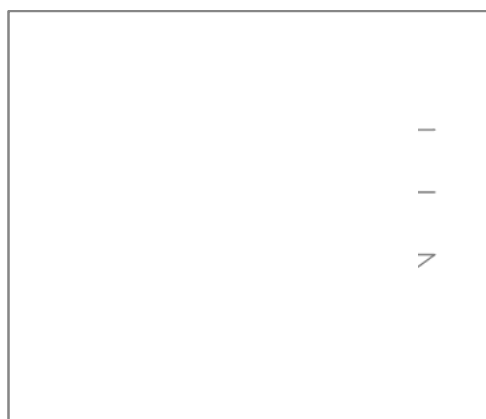


Gráfico nº 7 – Porcentagem de ocorrências de rotacização levando em consideração o perfil das escolas

3.5. JUNTURA INTERVOCABULAR DE DUAS OU MAIS FORMAS LIVRES

Entendemos como juntura intervocabular a união de duas ou mais palavras gramaticalmente distintas formando uma só palavra. Essa nova palavra pode ser formada por justaposição quando as palavras primárias são assimiladas sem alterações ou por aglutinação, quando um dos elementos sofre alteração em sua morfologia.

Conforme Monteiro (1986, P.169)

O conceito diz que, enquanto na justaposição cada elemento se mantém integralmente, preservando o seu próprio acento, na aglutinação ocorre a perda e/ou alteração de fonemas, sujeitando-se os elementos a um único acento. Por isso, na aglutinação o vocábulo mórfico corresponde a um só vocábulo fonológico, mas na justaposição o vocábulo mórfico corresponde a dois fonológicos.

Considerando os desvios de escrita dos alunos na Juntura intervocabular classificamos a formação das novas palavras como justaposição e aglutinação, como nos exemplos a seguir: (015)“...eles formaram **usvilões**”. (aluno 1NMP3S). Exemplo de juntura intervocabular formando palavra por justaposição.

(016) “... o nome da igreja é **arraialde santantonio**”. (aluno 2NFP4N). Exemplos de juntura intervocabular formando palavra por justaposição e aglutinação, respectivamente.

Foram registradas 44 ocorrências de junção intervocabular no *cópus* deste estudo, das quais 9% são formadas pelo processo de aglutinação de palavras e 91% formadas pelo processo de justaposição, como podemos observar no gráfico nº 8:

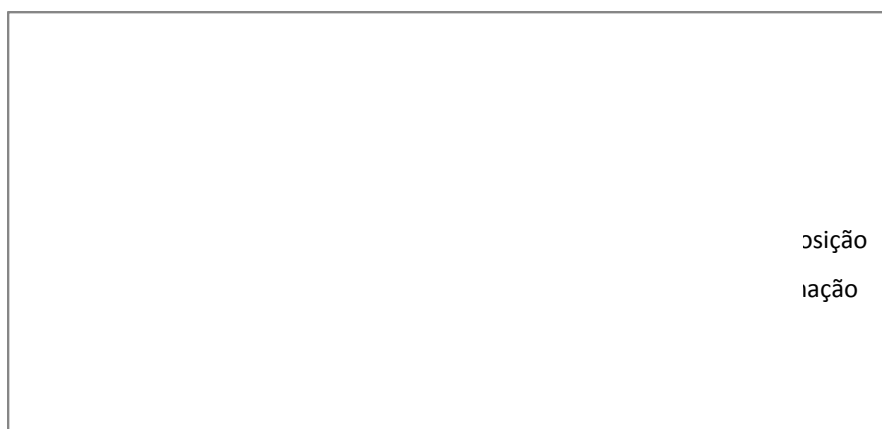


Gráfico nº 8 – Justaposição e Aglutinação – total de ocorrências

Depreende-se do gráfico 8 que o fenômeno junção intervocabular é constituído em sua maioria por justaposição, com 40 realizações num total de 44 ocorrências, 91%, e somente 04 ocorrências para a composição por aglutinação, representando 9% do valor total.

Quanto ao gênero do informante, constatamos que o sexo masculino teve mais à junção de vocábulos durante a escrita, com 29 ocorrências, enquanto o sexo feminino apresentou somente 15 ocorrências.

Quanto à tipologia da escola, verificamos que os alunos da escola pública apresentaram mais ocorrências do fenômeno em questão, com 30 junções, enquanto os alunos da escola particular apresentaram somente 14, praticamente a metade.

Depreendemos do gráfico nº 9 que os alunos da escola pública apresentam maior tendência ao uso desse fenômeno linguístico, com 68% do total do *cópus* descrito, enquanto alunos da escola particular apresentam tendências menores à utilização do fenômeno com 32%.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a importância de compreender o funcionamento do sistema de escrita alfabética em meio às práticas sociais, um dos objetivos desta pesquisa, ficou claro que esse aprendizado deve levar em consideração a diversidade da língua em sua dimensão social e o funcionamento do sistema ortográfico para que se possa saber interpretar os sintagmas escritos com desvios ortográficos.

Entretanto, por meio desta pesquisa, foi possível verificar que, das 1.655 ocorrências presentes no corpus da pesquisa, apurou-se 604 ocorrências que se referem a variações, ou seja, registros de desvios ortográficos nos textos dos alunos das duas escolas observadas, representando 36% do total dos dados, e 1.051 ocorrências seguem a norma padrão, isto é, 64% do total dos dados.

Referente ao fenômeno “Junção”, este aparece de forma expressiva nos textos dos alunos de ambas as escolas, e é composto por justaposição em 91% das ocorrências. Contudo, mesmo com a variação, ficou comprovada a prioridade da escrita, pois o processo fonológico ocorrido se conserva se levamos em conta que cada elemento se mantém integralmente ao aglutinarem-se em uma só palavra, como em “o nome da minha cidade **originouse** do arraial de Santo Antonio”.

Os resultados mostrados até aqui mostram claramente que existe uma correlação direta entre variáveis sociais e estruturais ligadas ao processo estudado. O fato de o processo ser registrado na escrita dessa ou daquela maneira reflete restrições que fazem parte do cotidiano social do aluno e também da língua que ele vem adquirindo desde seus primeiros anos de vida.

Finalmente, após essas observações que envolvem as diversidades linguística e cultural, devemos salientar que os vários segmentos da sociedade e suas culturas possuem uma quantidade de elementos linguísticos capazes de expressar sua visão de mundo e de promover a interação social de seus membros. Podemos aproveitar o que o aluno traz em sua bagagem cultural e aperfeiçoar seus conhecimentos linguísticos, mostrando-lhe as diferenças significativas entre o PP (Português Padrão) e o PNP (Português não Padrão), com base no respeito à diversidade cultural do outro.

Esperamos, ainda, com esse trabalho, contribuir com a produção de material de referência em estudos linguísticos, que revelem o perfil linguístico dos alunos de Mato Grosso do Sul.

BIBLIOGRAFIA

- BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália: Novela Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 1997
- BISOL, Leda. *A Neutralização das Átonas*/ Revista Letras, Curitiba, n. 61, especial, p. 273-283, 2003. Editora UFPR. www.letras.ufpr.br/documentos/pdf_revistas/bisol.pdf/ acessado dia 28 de maio e dias 15 e 17 de junho de 2011.
- BORTONI, Ricardo, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo : Parábola Editorial, 2004.

_____. *Nós chegemu na escola, e agora?* : Sociolinguística & educação. São Paulo : Parábola Editorial, 2005.

BRASIL. Secretaria de educação Fundamental..-*Introdução aos Parâmetros curriculares nacionais*. BRASÍLIA: MEC/SEF,1997.

BRIGHT, William. *As dimensões da sociolinguística*. In: FONSECA. M. S. e NEVES M. F. Sociolinguística. RJ: Eldorado. 1974. (apostila da área da Sociolinguística p. 17-23.)

BRITTO, L. P. L. Alfabetismo e Educação Escolar. In Silva, E. T. (Org.). *Alfabetização no Brasil: Questões e Provocações da Atualidade*. Campinas: Autores Associados, 2007.

CALLOU, Dinah; MORAES, João; LEITE, Yonne. Apagamento do R Final no Dialeto Carioca: um Estudo em Tempo Aparente e em Tempo Real. *DELTA*: São Paulo, v. 14, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000300006&lng=en&nrm=iso> Acessado em: 15 de junho de 2011.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*/ Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Problemas de Linguística descritiva*, Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

CASTILHO. Ataliba T. de. *Nova Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CAZAROTTO, Suely Aparecida; ONOFRE, Diana Pilatti. *Rotacismo: em final de sílaba, no interior da palavra: um estudo do comportamento linguístico de falantes da cidade de Angélica – MS*. [Comunicação] CPAN/UFMS: Corumbá/MS, II Congresso Internacional Brasil, Bolívia, Paraguai, 2009.

GUY, Gregory Riordan *Sociolinguística quantitativa - instrumental de análise* / Gregory R. Guy e Ana Zilles. - São Paulo : Parábola Editorial, 2007.

LABOV, William. *Principles of linguistic change*. Cambridge: Blackwel, 1994.

_____. *Padrões sociolinguísticos*; Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Sherre, Caroline Rodrigues Cardoso. – São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

LEMLE, Miriam. Guia Teórico do alfabetizador. São Paulo: Ática,1982.

LEMOIS, Fernando Antônio Pereira. *O alicamento das vogais médias pretônicas e postônicas mediais*. Revista Philoslogus ano 9 n° 26. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/26.html> > Acessado em: 15 de junho de 2011.

MARCUSCHI, Luís Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2008.

MOLLICA, Maria Cecília e BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: O tratamento da Variação*. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2004

MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. Fortaleza, edições UFC-PROED, 1986.

_____. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2002, 2ª edição.

OLIVEIRA, Dercir Pedro de e DURIGAN, Marlene. *Gramática da variação ou variação da Gramática*. In BELON, Antônio Rodrigues e Maciel, Sheila Dias. *Em diálogo - Estudos Literários e Linguísticos*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004.

_____. *A gramática Tradicional e a Linguística Moderna*. In OLIVEIRA, Dercir Pedro de *Estudos Linguísticos: Gramática e variação*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2011

OLIVEIRA, Marilucia Barros de. *Manutenção e apagamento do (r) final do vocábulo na fala de Itaituba*. 2001, p. 98. Tese de Mestrado. Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém, PA, 2001. Disponível em http://www.ufpa.br/alipa/teses_mestrado/tese_marilucia.PDF Acessado em 14 de junho de 2011.

PEREIRA, Renato e PILATTI, Diana. *Processo de Monotongação em Alunos de Caçu – GO*. Campo Grande, MS: Revista Papéis, v.12, n.2. 2008.

PRETI, Dino. *Sociolinguística: Os níveis de fala: Um estudo sociolinguístico do Diálogo na literatura brasileira*. 9ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

ROCHA, Ioneide Negromonte de Vasconcelos; ONOFRE, Diana Pilatti. *Apagamento do /r/ final na região da Grande Dourados*. [Comunicação] CPAN/UFMS: Corumbá/MS, II Congresso Internacional Brasil, Bolívia, Paraguai, 2009.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. *Sociolingüística. Teoría y Análisis*. Madrid: Ed. Alhambra, 1989.

SILVA, Rosangela Villa da [et al.] *Linguística II*. Campo Grande MS: Ed. UFMS, 2009

SOARES, Magda B. *Linguagem e Escola. – Uma perspectiva Social*. São Paulo: Ática, 1986.

_____. *Letramento um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2010.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1985.

WEINRICH, Uriel; Labov, Willian. HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.